

DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM NOS ANOS INICIAIS DO ENSINO  
FUNDAMENTAL

Paulo De Tasso de Souza

[paulotsouza784@gmail.com](mailto:paulotsouza784@gmail.com)

Graduação em pedagogia pela FTEC - faculdade tecnológica de capacitação  
Especialização/pós graduação em alfabetização, letramento e  
psicopedagogia institucional pela LÍBANO

## RESUMO

Os obstáculos do desenvolvimento do aprendizado nos períodos introdutórios da educação básica surgem como uma rede de aspectos que se conectam e se intensificam, tornando-se uma das principais barreiras para assegurar uma formação de excelência no país. Eles afetam de forma direta o desenvolvimento do letramento inicial e da competência textual, como uma dificuldade no caminho que retarda e, em alguns casos, altera o trajeto do discente, prejudicando o crescimento de capacidades fundamentais para sua experiência escolar e convivência social. Nesse contexto, este trabalho visa investigar os aspectos que colaboram para o aparecimento e a persistência dessas dificuldades, além de analisar criticamente a função do ambiente escolar, do educador e dos responsáveis nesse contexto. A investigação tem caráter descritivo e interpretativo, fundamentada em análises teóricas e documentais que abordam o crescimento da criança, o processo educativo e ações educacionais integradoras e inclusivas. No decorrer da avaliação, nota-se que essas barreiras não estão associadas apenas ao discente, mas também a elementos externos, como situação socioeconômica, ausência de incentivos no contexto doméstico, ações educacionais limitadas e lacunas nas diretrizes de ensino. Quando não detectadas no início, essas dificuldades podem provocar desempenho insuficiente, desinteresse, abandono escolar e prejuízos na autoconfiança. Por isso, torna-se indispensável aplicar estratégias estruturadas, práticas participativas e a formação de um contexto escolar inclusivo, que reconheça as variações e estimule a justiça educacional. Assim, infere-se que lidar com esses desafios exige atuação colaborativa entre instituição escolar, responsáveis e ações governamentais, com ênfase na qualificação docente e na valorização da pluralidade.

**Palavras-chave:** aprendizagem; letramento; inclusão; dificuldades escolares; educação básica.

## ABSTRACT

Learning development obstacles in the early stages of basic education emerge as a network of interconnected factors, becoming one of the main barriers to ensuring quality education in Brazil. These difficulties directly affect literacy and writing skills, compromising the development of essential abilities for students' academic and social lives. This study aims to investigate the factors related to the emergence and persistence of learning difficulties, as well as to critically analyze the role of the school, teachers, and families in this context. The research is descriptive and interpretative, based on theoretical and documentary analyses concerning child development, the educational process, and inclusive pedagogical practices. The study shows that such difficulties are not only linked to the student, but also to external aspects such as socioeconomic conditions, lack of family support, limited teaching practices, and gaps in educational policies. When not identified early, these challenges may lead to poor academic performance, discouragement, school dropout, and low self-esteem. Therefore, it is essential to adopt structured strategies, participatory practices, and an inclusive educational environment that values diversity and promotes educational equity. It is concluded that overcoming

these challenges requires collaborative action among schools, families, and public policies, with emphasis on teacher training and respect for diversity.

**Keywords:** learning; literacy; inclusion; school difficulties; basic education.

## INTRODUÇÃO

A formação básica pode ser compreendida como o começo de uma trajetória extensa, e, nas etapas iniciais do ensino fundamental, todas as coisas tornam-se ainda mais relevantes. É nesse momento que o discente inicia a construção dos elementos iniciais de uma estrutura complexa, desenvolvendo a interpretação de textos, a produção de textos e a organização do raciocínio, de modo semelhante a despertar descobertas ao longo do caminho. Essa fase é essencial, pois sustenta o que vem depois, já que “a aprendizagem escolar deve garantir aos estudantes o desenvolvimento de habilidades fundamentais” (BRASIL, 2017). Porém, exatamente nesse momento muitos alunos passam a lidar com barreiras, e essas dificuldades, quando aparecem, não surgem de forma sutil; elas se apresentam de maneira clara e podem prejudicar tanto o rendimento quanto a continuidade na instituição escolar.

E aí a coisa se complica um pouco mais, porque as dificuldades de aprendizagem não têm uma causa única, não dá pra apontar o dedo e dizer foi isso ou aquilo. Elas se desenvolvem como um entrelaçamento de elementos, combinando aspectos cognitivos, emocionais, sociais e pedagógicos. Ocasionalmente, a criança lida com dificuldades de atenção, memória ou compreensão, como se as palavras escapassem das mãos. Em outros momentos, sentimentos de insegurança e baixa autoestima se acumulam, silenciosos, porém pesados. Além disso, o contexto familiar e as condições de vida também desempenham um papel importante, podendo criar oportunidades ou, infelizmente, limitá-las.

No âmbito da instituição escolar, a realidade igualmente requer atenção. Métodos educacionais centradas somente na repetição e na retenção, desconsiderando as variações singulares dos discentes, enxergando-os como se mantivessem o mesmo tempo de avanço, quando, na verdade, cada um possui seu avanço particular. Dessa forma, é essencial que o educador assuma uma posição ativa, agindo quase como um guia e utilizando técnicas variadas para envolver os estudantes na dinâmica de formação, tornando-a mais ativa e relevante. Em síntese, “educar não é passar saber, mas gerar oportunidades para sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

Outro ponto que não dá pra passar é a identificação prematura dessas dificuldades. desses prejuízos. Quando não são percebidos, os problemas tendem a se agravar e podem levar ao desânimo, queda no desempenho, repetência e até mesmo abandono escolar.

Nesse contexto, escola, educadores e família devem trabalhar em conjunto, atentos aos sinais, criando estratégias que efetivamente ajudem o estudante a progredir. progresso.

Além disso, quando se analisa com mais atenção, dá pra identificar que o processo de aprendizagem não acontece de forma separada, como se fosse algo preso apenas dentro da sala de aula. Pelo contrário, ele se constrói nas conexões, nas trocas e nos laços que a criança estabelece ao longo do tempo, ideia que se aproxima do que defende Vygotsky ao afirmar que o crescimento ocorre nas relações sociais. Nesse sentido, aprender não é só absorver conteúdo, mas participar, experimentar, errar e tentar de novo, num movimento contínuo que, quando bem acompanhado, pode transformar dificuldades em possibilidades.

Diante de tudo isso, compreender os obstáculos da aprendizagem nos anos iniciais não é só relevante, é imprescindível. Este artigo, então, se dispõe a estudar essas dificuldades, buscando compreender suas causas e refletir sobre táticas que ajudem a superá-las. No fundo, o que se busca é uma formação mais justa, que abrace, valorize as diferenças e assegure que cada aluno tenha a oportunidade real de aprender, desenvolva-se e avançar em frente.

## **FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

Os obstáculos do desenvolvimento da aprendizagem têm sido amplamente examinados no campo da formação educacional e, veja, não é por acaso. Eles surgem como dificuldades no meio do trajeto que prejudicam a aquisição e o crescimento do saber pelos discentes, como se o aprendizado, que espera-se que avance, de forma repentina sofresse um travamento. Nos períodos introdutórios da educação básica, isso torna-se ainda mais claro, pois é nesse momento que se estruturam os alicerces da interpretação textual, da produção textual e do pensamento lógico, habilidades que irão dar suporte a toda a vida escolar.

Quando a gente analisa com mais atenção, identifica que, esses desafios não originam-se de um único lugar, não dá pra simplificar de forma excessiva dizendo que a dificuldade está só na pessoa. Na verdade, elas surgem de uma mescla de aspectos que se interligam. De um lado, estão pontos internos, como concentração, memória, linguagem e até aspectos neurológicos. Do outro, entram as variáveis circunstanciais, como o contexto doméstico, o contexto socioeconômico e o próprio ambiente escolar, que, dependendo de como se estruturam, podem tanto favorecer quanto obstruir o

desenvolvimento do aprendizado, uma vez que a evolução da criança ocorre na relação entre a pessoa e o ambiente (PIAGET, 1998, p. 32).

Nessa situação, a perspectiva histórico-cultural de Lev Vygotsky contribui para esclarecer essa situação confusa, ao evidenciar que desenvolver o aprendizado não é um processo individual, mas algo que se desenvolve nos compartilhamentos, nos vínculos e na interação com o outro. Como ele destaca, a evolução se dá por meio do acompanhamento, e é aí que o docente entra como elemento fundamental, orientando, estimulando e apoiando o aluno a evoluir, mesmo quando o caminho parece desafiador (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Dando continuidade a esse pensamento, José Carlos Libâneo evidencia a relevância da metodologia educacional nesse contexto. Não dá mais pra imaginar modelos inflexíveis e uniformes, como se todos desenvolvessem o aprendizado no mesmo tempo de aprendizagem. Pelo contrário, é preciso analisar as diversidades, os tempos e as maneiras de cada aluno, aplicando práticas mais flexíveis e mecanismos que sejam eficazes. Como ressalta o autor, o ensino precisa ser direcionado e estruturado, direcionado para a aprendizagem efetiva dos alunos (LIBÂNEO, 2013, p. 85).

Outro fator que surge de maneira discreta, mas causa grande repercussão, é o processo avaliativo. Quando ele é utilizado só pra separar, como quem divide quem “sabe” de quem “não sabe”, acaba acentuando ainda mais os obstáculos, atribuindo classificações que impactam e desmotivam. Agora, quando o processo avaliativo desempenha uma função mais investigativa e educativa, ele vira um instrumento de apoio, contribuindo para localizar onde estão os obstáculos e direcionando alternativas para vencê-los, pois deve atender ao desenvolvimento do aprendizado e não apenas à avaliação de desempenho (LIBÂNEO, 2013, p. 195).

Além do mais, não dá pra desconsiderar a relevância de um contexto escolar inclusivo, daqueles que realmente valorizam as diferenças e conseguem integrar o aluno ao processo. Quando a escola oferece oportunidades, dá voz e respeita cada estudante, e ainda atua em parceria com a família, os desafios deixam de ser barreiras difíceis de superar e transformam-se em situações possíveis de superar.

Dessa forma, é possível perceber que os desafios do aprendizado não são básicos nem independentes, são como uma estrutura interligada de fatores que se interligam constantemente. Por isso, demandam uma análise cuidadosa e uma atuação integrada da escola e dos educadores, que precisam planejar estratégias que analisem todos esses

fatores, já que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção” (FREIRE, 1996, p. 47). Só assim será possível assegurar que cada aluno tenha, de fato, possibilidades de aprender, evoluir e se desenvolver integralmente.

## **METODOLOGIA**

O presente estudo utiliza uma perspectiva qualitativa e, olha, isso não acontece aleatoriamente. A proposta aqui é entender os desafios do aprendizado nos primeiros anos da educação básica de maneira mais profunda, ultrapassando análises superficiais, quase como quem examina cada elemento de um contexto dinâmico. Esse tipo de abordagem favorece examinar o processo com mais cuidado, considerando suas diferentes dimensões e a dificuldade que inclui o desenvolvimento do ensino e do aprendizado, que, como se sabe, é bastante complexo.

Quanto às etapas desenvolvidas, a investigação define-se como uma investigação bibliográfica. Em outras palavras, foi elaborada a partir da avaliação de livros, produções científicas, registros oficiais e trabalhos acadêmicos que discutem os desafios do aprendizado, a evolução da criança e as ações pedagógicas no ambiente escolar. Essa opção não aconteceu aleatoriamente, mas pela importância de agrupar diversas perspectivas teóricas, como se cada autor apresentasse um elemento fundamental para construir uma compreensão mais ampla sobre o assunto, já que a pesquisa bibliográfica favorece ao autor compreender uma questão a partir de fontes teóricas já publicadas (LIBÂNEO, 2013, p. 62).

Para definir o conteúdo analisado, foram analisados autores renomados no campo educacional, além de registros que abordam diretrizes educacionais e orientações para a educação básica. A avaliação das informações foi realizada de maneira analítica e interpretativa, procurando reconhecer os fatores mais relevantes que influenciam os desafios do aprendizado e, simultaneamente, os mecanismos que o próprio referencial teórico destaca como possíveis alternativas para lidar com esse problema.

Além do mais, a pesquisa assumiu uma análise mais crítica, daquelas que não apenas leem, mas interagem com o que está sendo dito. As perspectivas dos autores foram comparadas, estabelecendo relações entre conhecimento teórico e prática, como elos que permitem superar a separação entre o que se estuda e o que se experiencia no cotidiano da escola. Esse processo favoreceu não só compreender melhor os fatores dos desafios, mas também pensar sobre a função da escola, do professor e da família na formação de

um contexto inclusivo e eficaz, considerando que a educação deve estimular a independência e o envolvimento ativo do aluno no desenvolvimento do aprendizado (FREIRE, 1996, p. 47).

Mais um elemento que precisa ser destacado é que a organização e exame do material não ocorreram ao acaso, mas seguiram um procedimento cuidadoso, quase como quem vai associando ideias progressivamente. Os textos foram avaliados, associados e sistematizados de acordo com seus aspectos em comum e contribuições, possibilitando a identificação de padrões, aproximações e até diferenças entre os pesquisadores. Esse procedimento ajudou a reforçar a compreensão, evitando uma leitura rasa e viabilizando uma interpretação mais articulada do tema.

Além disso, procurou-se preservar uma análise cuidadosa durante todo o desenvolvimento, considerando que, por meio de cada ideia e debate, existem experiências vivenciadas dentro do ambiente escolar. Assim, a avaliação não ficou restrita apenas ao âmbito teórico, mas buscou criar relações com a realidade educacional, relacionando o estudo ao contexto real. Essa atenção favoreceu que a pesquisa não permanecesse afastada do dia a dia da escola, mas, ao contrário, interagisse com ele de forma mais relevante.

Ao final, a metodologia utilizada possibilitou alternativas para uma avaliação mais aprofundada e mais estruturada, favorecendo expandir o entendimento sobre os desafios do aprendizado nos primeiros anos. E mais do que isso, contribuiu para indicar alternativas, quase como direcionamentos ao longo do caminho, que podem estimular a evolução dos alunos e tornar o desenvolvimento educacional mais inclusivo e relevante.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O exame das investigações avaliadas demonstra, sem muito espanto, mas com bastante precisão, que as barreiras do desenvolvimento nos períodos introdutórios da instrução essencial não manifestam do nada, como um clarão em horizonte luminoso. Pelo inverso, elas vão se criando lentamente, como uma rede de elementos que se relacionam entre características intelectuais, psicológicos, coletivos e didáticos. Muitos discentes acabam encontrando justamente na interpretação escrita, na produção textual e na análise textual, que são como os fundamentos que permitem os caminhos das outras campos do saber. Quando essas identificadas não são notadas logo no princípio, elas

tendem a expandir, ganhar impacto e seguir o aluno ao longo da sua caminhada, comprometendo tanto o resultado quanto o interesse.

Entre os aspectos detectados, o ambiente doméstico aparece como um elemento fundamental nesse conjunto. O monitoramento das tarefas, o estímulo ao aprendizado e até as circunstâncias do cotidiano fazem influência, e muita. Estudantes que não possuem esse auxílio ou que passam por condições de risco social acabam lidando com um percurso repleto de barreiras. Além disso, fatores afetivos, como instabilidade, aflição e reduzida autoconfiança, vão se somando e, mesmo discretas, afetam claramente o desempenho acadêmico, quase como uma carga oculta que prejudica o progresso.

Na área educacional, as informações demonstram fato que já estava apresentando indícios: métodos convencionais, fundamentadas apenas na reprodução e na decoreba, nem sempre dão conta de incluir todos os discentes. Pelo inverso, podem acabar distanciando aqueles que necessitam de métodos de desenvolver o aprendizado. A ausência de práticas diferenciadas e de uma análise cuidadosa às especificidades dos alunos favorece para que muitos permaneçam à exclusão do desenvolvimento. Por outro lado, quando entram no contexto práticas participativas, ferramentas recreativas e mecanismos dinâmicas, a situação se altera, o engajamento aumenta e o aprendizado começa a fazer mais significado, reforçando a perspectiva de que o saber se desenvolve na prática e na relação (VYGOTSKY, 2007, p. 97).

Mais um fator que também atrai percepção é a demanda de observar para o discente de maneira mais personalizada, como pessoa que possui sua individual vivência, sua cadência e seus métodos de desenvolver o aprendizado. Nem todo mundo assimila do idêntico jeito, no mesmo momento, e continuar nisso é quase como tentar inserir partes variadas no mesmo padrão. Quando o ambiente escolar considera essa pluralidade e passa a reconhecer os sutis progressos, o equívoco deixa de ser interpretado como defeito e passa a ser compreendido como etapa da dinâmica. Nesse contexto, observar os níveis de crescimento e as elaborações que o indivíduo faz ao longo do aprendizado transforma-se indispensável, já que o saber não é algo finalizado, mas formado progressivamente pelo aluno em conexão com o ambiente (PIAGET, 1998, p. 37).

Mais um fator que exige observação é o processo avaliativo. Quando aplicada somente como ferramenta de categorização, ela mais classifica do que auxilia, acentuando desafios e desencorajando os discentes. Pelo contrário perspectiva, quando desempenha um perfil investigativo e instrutivo, começa a atuar como uma forma de

guia, apontando possibilidades e favorecendo ações mais adequadas às demandas de cada aluno, já que a dinâmica analítica deve favorecer para o desenvolvimento e não apenas mensurar desempenhos (LIBÂNEO, 2013, p. 195).

Também fica visível a atuação do educador como intermediador nessa dinâmica toda. É ele quem, na rotina, desenvolve conexões, elabora oportunidades e converte o espaço do ambiente de aprendizagem em um local mais receptivo e abrangente. Um ambiente onde as particularidades não são interpretadas como dificuldade, mas como etapa do desenvolvimento. Nesse contexto, a qualificação permanente destaca-se como uma base indispensável, favorecendo o professor a reformular ações e encontrar inovadores direções, afinal, “ensinar não é passar aprendizado, mas criar as possibilidades para a sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

No final das conclusões, os dados tornam evidente que vencer os desafios do desenvolvimento não necessita de uma intervenção separada, mas de uma dedicação integrado entre a instituição, os responsáveis e os educadores. É necessário aplicar em metodologias didáticas mais abrangentes, relacionadas com o cotidiano dos discentes e atentas às suas carências, para que o aprendizado deixe de ser uma dificuldade e transforme-se em uma alternativa acessível, importante e, por que não, impactante.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante das análises expostas ao decorrer desta investigação, fica visível que as barreiras do desenvolvimento nos períodos introdutórios da instrução essencial não são apenas um aspecto no percurso, mas uma dificuldade concreta, daqueles que necessitam observação e dedicação. Elas manifestam-se de maneira ampla, como fatores que se interligam entre características intelectuais, psicológicos, coletivos e também nas metodologias didáticas realizadas dentro da instituição, demonstrando que a questão vai ultrapassando do que se apresenta ao primeiro olhar.

Nesse contexto, não dá pra atribuir toda a culpa sobre o estudante, como se ele suportasse isoladamente essa carga. Pelo inverso, é necessário observar o cenário, compreender a realidade em que ele está incluído e notar que cada elemento pode afetar sua dinâmica de desenvolvimento. Quando essas reconhecidas são detectadas logo no princípio, as oportunidades de acompanhamento são maiores, impedindo que simples barreiras se convertam em mais intensas desmotivação, fraco desempenho, retenção e até a evasão da instituição.

O educador, nessa situação, destaca-se como um elemento fundamental, quase como quem abre alternativas em ambiente às instabilidades. Incumbe a ele facilitar a dinâmica do desenvolvimento educacional, desenvolvendo mecanismos que valorizem as particularidades e reconheçam a cadência de cada discente. A aplicação de ações diferentes, ferramentas pedagógicas variadas e metodologias dinâmicas auxilia a deixar a aprendizagem mais importante, conectando o aluno ao conteúdo de forma mais acessível e interessante.

Adicionalmente, a cooperação entre instituição e responsáveis revela-se indispensável, atuando como uma conexão que reforça o crescimento do discente. Na medida em que existe supervisão, motivação e comunicação, o aluno sente-se mais confiante e amparado, o que gera impacto no seu caminho escolar. Essa atuação integrada permite uma atenção mais sensível e humanizada, apta a identificar demandas que, frequentemente, não são notadas.

Em síntese, não se pode desconsiderar a relevância da capacitação constante dos educadores e da aplicação de recursos em ações governamentais que proporcionem situações mais adequadas de instrução. Nesse processo, estrutura-se uma formação educacional mais integradora, equitativa e responsável com o crescimento completo dos discentes, assegurando não apenas a entrada, mas também a continuidade e o êxito na trajetória educacional, já que “educar não é transmitir saber, mas gerar oportunidades para sua construção” (FREIRE, 1996, p. 47).

## REFERÊNCIAS

**BRASIL. Ministério da Educação. *Base Nacional Comum Curricular*. Brasília: MEC, 2017.**

**FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1999.**

**FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.**

**LIBÂNEO, José Carlos. *Didática*. São Paulo: Cortez, 2013.**

**PIAGET, Jean. *A psicologia da criança*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1998.**

**VYGOTSKY, Lev Semenovich. *A formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.**